

MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA

MARÉ VIVA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANARIO

ANO IX N.º 423 — PREÇO 17\$50 — 14/2/85



Câmara esteve quase a declarar guerra aos clandestinos

A Câmara de Espinho esteve, na sua sessão de sexta-feira passada, prestes a aprovar uma deliberação no sentido de proceder à demolição de todas as construções clandestinas que fossem erguidas, após a divulgação pública da sua decisão.

Dada a gravidade da situação e a responsabilidade de uma deliberação destas, alguns vereadores viriam a recuar, sendo a discussão deste assunto adiada para amanhã.

— PÁGINA 4

"Haverá verba para este verbo?"

- Debate do Plano de Actividades na Assembleia Municipal

— PÁGINA 4

DESPORTO:

Voleibol espinhense na senda do título

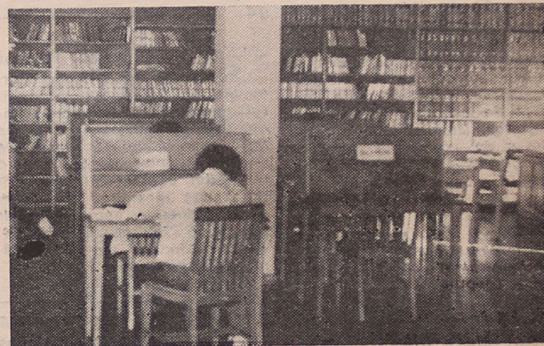
PÁGINA 7

Luis Cilia EM ESPINHO

Luis Cilia esteve em Espinho, na passada sexta-feira, num recital organizado pela Coop. Nascente, no Restaurante da Piscina. Acompanhado por António Ferro, no baixo, o cantor apresentou um repertório que tem muito a ver com o seu trabalho desenvolvido ao longo de 25 anos de uma carreira coerente, sem qualquer tipo de concessões.



— PÁGINA 3



LIVROS

— UMA FORMA DE ALEGRIA

As condições de produção, circulação e uso do livro são o mais das vezes articuladas num discurso choramingante e apoloético a que escapa inteiramente a especificidade do objecto em apreço.

Como todas as mercadorias, o livro não vê o seu curso detido nos escaparates das lojas e nas mãos do consumidor. Tem uma história, a qual lhe determinou formas, conteúdo e regimes de, digamos, sua apropriação. Por seu turno, estas modalidades, se tendem a cristalizar-se (só assim podemos afirmar a sua existência), são também elas produto de um processo que não estacou, antes tomou (pode tomar) alento novo.

— PÁGINA 5

OPINIÃO

RASCUNHOS



Na pia baptismal ou no papel pautado do Registo Civil tinha um nome de certeza. Nome que lhe serviria hoje para o cartão de contribuinte, para o da Caixa de Previdência, para as quotas dos Socorros Mútuos, para o cartão de eleitor, para as quotas do futebol, para o cartão do Sindicato, para a certidão de óbito agora já velha de anos. Para mim, como para muitos espinhenses, era o Zé Barbeiro. Talvez tivesse rapado caveiras, depilado cabeças, aparado bigodes, mas para mim era o amigo dos sábados, o amigo que, semana após semana, me vendia «O Senhor Doutor».

O homem, que tinha um defeito numa perna que lhe dava um caminhar todo especial, dedicava-se à venda de jornais cujos nomes apregoava em voz

bem sonante. E, de entre todos os que lhe pesavam nos braços, um nome se sentia ser-lhe bem grato: «O Diabo». Quando este nome lhe vinha à garganta, soltava-o com uma entoação muitíssimo especial, pois este satânico semanário era então um verdadeiro grito de inconformidade com a política vigente. Só que, para a minha idade de então, era areia do mais...

O que eu queria era «O Senhor Doutor», em cuja leitura mergulhava avidamente, ignorante do resto que me rodeava. Por isso o Zé Barbeiro é um amigo da minha infância, daqueles que se não esquecem mais e, ainda mais fortemente, porque me trouxe outros amigos. Foi através do trabalho do Zé Barbeiro que eu conheci um outro amigo, também Zé, do qual me desencontrei durante muito tempo até, há poucos anos, lhe retomar o rasto.

«O Senhor Doutor», para além de algumas histórias de

quadrinhos, tinha muita prosa para satisfazer a minha sede de leitura. Prosa que, entre muitas outras histórias, me deu a conhecer, aos soluços semanais, a do João Sem Medo, produto da sensibilidade e imaginação dessa grande nome das letras nacionais que uma bronco-pneumonia matou, na juventude dos seus oitenta e pico anos, na passada semana, e que se chamava José Gomes Ferreira. Foi este o amigo que o Zé Barbeiro me permitiu conhecer na minha infância. Foi este o amigo que voltei a encontrar, muitos anos depois, em «O Mundo dos Outros», a que se seguiram outras obras que li sempre no mesmo sentir de satisfação pelo calor humano que ele sabia tão bem transmitir aos seus leitores. José Gomes Ferreira continua bem vivo naquelas que foram meninos como eu fui ou nos adultos que, como eu, já deixaram de ser meninos.

Carlos P. Moraes

AS CRISES...

A recente demissão do Prof. Mota Pinto de Presidente da Comissão Política Nacional do PSD coloca-nos perante mais uma das tradicionais crises de liderança desse partido, que se agudizam sobremaneira em períodos de crise, de dificuldade interna e nacional.

Sá Carneiro foi capaz de provocar duas crises de liderança e graças à sua energia e talento político dominar das duas vezes um partido de interesses heteróclitos, conseguindo reunir à volta da sua figura carismática a unidade de interesses tão diversos.

Quando Pinto Balsemão foi chamado a assumir a pesada herança de Sá Carneiro, também foi vítima do mesmo processo de contestação interna de que aquele tão airosomente se saíra. No entanto, não teve a mesma energia nem talento para dominar irresistivelmente quem lhe fazia frente. No congresso de Montechoro acabou por sair pela esquerda baixa, implacavelmente batido pelo Prof. Mota Pinto.

Chega agora a vez de Mota

Pinto ser alvo do turbilhão permanente que é o seu Partido. Ao pretender imitar Sá Carneiro adoptou um estilo arrogante e superior e confundiu determinação e pertinácia com obstinação e teimosia. Depois do desastre da AD pensou que o melhor era associar o seu destino político ao do PS, emergente das eleições como vencedor, mantendo-se assim na área do Poder, o que parece ser indispensável para se ser politicamente bem sucedido em Portugal; mas o destino acorreu-o a um dos períodos mais negros da economia portuguesa, com uma submissão vergonhosa e asfixiante aos interesses da alta finança internacional.

Finalmente a hiper-sensível questão das presidenciais arrastou-o para uma posição que foi a gota de água que fez transbordar a taça. Agora, Mota Pinto segue as pisadas do falecido líder carismático do PSD. No entanto, carisma é algo que lhe falta...

F. A.

«Vamos ao Sonoro»?

É o maior entre os numerosos agentes secretos ao serviço de majestades e impérios. Foi o grande furor dos anos sessenta, desde que apareceu em impetuoso combate contra o diabólico Dr. No em «007 — Ordem para Matar». Sean Connery era o galá e o esquema invariável: terríveis e sofisticadas ameaças manipuladas por seres tenebrosos, carros velocíssimos e um fartote de mulheres para todos os gostos. Depois, veio o cansaço e os produtores tiveram que desenganar outro Bond, após insucessos de percurso. Roger Moore vem desde a década de 70, mais fleumático e fotogénico, mas as saudades eram tantas que o primitivo voltou. Para gáudio dos seus ferrenhos adeptos.

15 a 18 Fevereiro
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
M/ 12 anos

Mas os anos são impiedosos, Connery está pesadote e com rugas, não fazendo esquecer os tempos áureos. O argumento é o de costume: 007 procura duas ogivas nucleares antes que estas caiam em más mãos. Pelo caminho, os ingredientes habituais, a tornarem urgente uma renovação que continue a garantir o êxito e uma certa qualidade, desejadas por ambas as partes.

19 a 21
A GAIOLA DAS MALUCAS
(I PARTE)

N. A. M/ 13 anos

Se não aparecerem alterações de última hora, e confiando na programação que nos foi cedida, teremos película a condizer com o clima de Carnaval. Ainda que não consiga despegar-se do estilo teatral, já que retirada duma peça de êxito, este filme de E. Molinaro possui vastos motivos de interesse. A crítica à moral de fachada que ainda pesa em certos sectores da sociedade actual e a interpretação brilhante de Michel Serrault, bem secundado por Ugo Tognazzi e Michel Galabru.

MEIA NOITE

14

CAES DE GUERRA

N. A. M/ 18 anos

Uma multinacional, por intermédio de indómitos mercenários, pretende substituir o ditador dum país africano por outro mais manobrável. O ponto de partida é interessante mas o realizador estraga tudo perdendo-se nos meandros da acção e do suspense, sem conseguir pegar no fulcral da história, até se afundar em ideologismos ultrapassados e imbecis.

15

FIM DE SEMANA ESCALDANTE

N. A. M/ 18 anos

Seis jovens caem nas mãos de perigosos traficantes. O que lhes irá acontecer? Toda a gente está fartinha de saber para quem penderá a vitória, mas como mero entretenimento (ainda que aqui e ali exagere na violência) serve para quem não é muito exigente.

16

CAÇADA SELVAGEM

Int. M/ 13 anos

O «suspense» é uma técnica

com efeitos assegurados, desde que bem aplicada. Quando isto não acontece, nem uma inundação de feras e outras terríveis calamidades conseguem despertar o espectador. Ainda por cima quando a noite já vai longa e as pálpebras começam a pesar...

MANHA INFANTIL

17 e 19

DUMBO

Não se discuta uma certa beleza desta história do elefantinho orelhudo à procura de ultrapassar complexos, nem a qualidade excepcional de algumas cenas (o bailado dos elefantes cor-de-rosa). Também não se ignoram as dificuldades do mercado específico, mas não se estará a insistir demasiado neste filme de Disney? A última vez que cá esteve foi em 30 de Dezembro do ano findo, há pouco mais de um mês.

Madeira da Costa

CIRURGIÁ GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º
Telefone 721014
E S P I N H O

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300
TELEF. 720452

A. Moreira
da Costa

CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218
2.ª e 6.ª feira
Rua 16, 789 — Tel. 722695
3.ª feira

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582 - 1.º Esq.
Sala 3
Telef. 723811 — ESPINHO

MARE VIVA

SEMANARIO

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

DEPÓSITO LEGAL 2048/83

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
REDACTORES — António Gomes, Bernardo Ferrão, Carlos Cruz, Fernanda Alves, Fernando Caprichoso, Filomeno Oliveira, Jorge Rosa, Moreira da Costa e Narciso Oliveira
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Carlos Alves e Olivia Silva
COLABORADORES — Alice Rocha, António J. Lacerda, Berta Nunes, Carlos Moraes, Correia da Silva, Fausto Neves, Fernando Meneses, Joaquim Fidalgo, Jorge Carvalho, Jorge Menteiro, José António Franca, Luís Costa, Moreira da Costa, Maria do Carmo, Mário Bismark, Mário Correia, Mário Rui Neves, Moraes Gaio, Rui Lacerda e Victor Sousa.
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, António Gaio e Henrique Ferreira
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anta) e Manuel Santos (Guelém)
Propriedade do Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 Telef. 721621
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, C. R. L.
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
Tiragem deste número: 2000 ex.

ESTA CIDADE

O MAR VOLTA A AMEAÇAR

Durante toda a semana passada, e parte desta, os moradores da rua 2 tem vivido num constante sobressalto, sempre à espera que o mar lhes entre pela porta dentro. As casas mais afectadas, têm sido aquelas que se situam entre o campo do SCE e o posto da Guarda Fiscal.

Embora as pessoas tentem por todos os meios, fazer uma barreira à penetração do mar no interior das suas casas, nalguns casos isso tem acontecido.

Um problema que os esporões não vieram de todo resolver e ao qual o «Maré Viva» pensa dar uma maior atenção, numa das suas próximas edições.

SERÃO ESPINHENSE DA NASCENTE

A Coop. Nascente vai levar a efeito no próximo dia 23 no restaurante da Piscina, mais um «Serão Espinhense».

Com a participação de António Capelo, actor de Teatro, que iniciou a sua carreira no Teatro Popular de Espinho, Cândido Mota, locutor de rádio, Berta Nunes, médica que esteve na organização do I Congresso de Medicina Popular, uma noite que promete.

Com muito para contar, sobre Espinho e sobre a vida de cada um, estarão no restaurante da Piscina três «vozes» diferentes com experiências distintas.

SURPREENDIDO PELA POLÍCIA QUANDO ASSALTAVA UM CARRO

Um jovem de 18 anos foi surpreendido pela polícia local, no passado dia 9, pelas 0,45 horas, na rua 23, quando tentava furtar um rádio do interior de uma viatura estacionada naquela artéria.

José Filipe Soares, empregado da construção civil e residente na Quinta da Marinha, partiu com uma pedra o vidro do referido automóvel, donde furtou alguns documentos só não conseguindo levar o rádio devido à intervenção da polícia. O José Filipe era também portador de uma carta de condução falsa. Foi presente ao Juiz de Instrução Criminal de Gaia.



AGRADECIMENTO

MARIA CELESTE SÁ FIGUEIREDO

Suas irmãs e cunhadas vêm por este ÚNICO MEIO agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral e à missa do 7.º dia.

M.ª Isabel de Sá Figueiredo
M.ª Cecília de Sá Figueiredo
Joaquim Catarino Araújo
Jorge Carneiro de Almeida

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes,
Comunhões, Lingerie e Pré-Mamá

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ☎ 724203 — ESPINHO

Luís Cília em Espinho

Ao longo de quase duas horas de espectáculo, esteve presente a poesia portuguesa, através de textos de Eugénio de Andrade, Armindo Rodrigues e Jorge de Sena, numa incursão ao seu próximo trabalho em disco, baseado na obra deste último poeta.

Afonso Duarte, a propósito do centenário do seu nascimento, foi ali recordado com a canção «Epigrama», uma das canções de Luís Cília gravada ainda em França, durante o exílio.

Da mesma época, é também

«Sou barco», de António Borges Coelho, escrito pelo poeta no forte de Peniche, e ainda «Ter-nura» de David Mourão Ferreira. Manuel Freire, a assistir ao espectáculo, foi convidado por Luís Cília para interpretar «Redondilha», com poema de Pedro Tamen.

Do agrado particular do público foram as canções satíricas, com textos do próprio Cília: «Inventário», «Mafia Lusitana», «Tango da poluição» e «Romanço do Lulu do Intendente», retratando com bastante humor alguns dos problemas do nosso

quotidiano, assim como duas músicas de George Brassens, com uma excelente tradução — «Má reputação» e «Traidora». E, não queríamos deixar de fazer referência a uma interpretação do nosso agrado, «Missing», onde António Ferro mostrou um domínio e uma técnica instrumental espantosa.

Luís Cília apresentou parte do seu próximo disco, cantando cinco poemas de Jorge de Sena por ele musicados, que aguardamos com curiosidade e expectativa.

Ass. de Pais do ex-Colégio N.º S.ª da Conceição em litígio com a Câmara

A Associação de Pais da Escola Primária n.º 5, ex-Colégio N.º S.ª da Conceição, convocou no passado dia 7, uma conferência de imprensa para esclarecer a opinião pública e os encarregados de educação dos alunos daquela escola, sobre uma questão que tem oposto aquela Comissão de Pais e a Câmara local.

Refira-se que a escola tem neste momento 8 salas a funcionar com o ensino primário e 3 com o pré-primário. Para além de outras infraestruturas há ainda a residência, neste momento ocupada pela comissão de pais para Ocupação dos Tempos Livres das crianças e que a Câmara quer para a instalação de, segundo afirma aquela comissão, uma biblioteca e uma sala cultural.

O ex-Colégio N.º S.ª da Conceição foi comprado pela Câmara Municipal há quatro anos e entregue à Direcção Escolar; segundo o Diário da República, à escola primária caberiam 8 salas; espaço ocupado pela escola pré-primária seria provisório, uma vez que esta escola seria para instalar definitivamente na zona do Rio Largo.

No entanto os outros espaços (sala de professores, ginásio, cantina, um ginásio no piso superior que serve de recreio

quando chove) são essenciais à vida da escola, segundo nos afirmou o Director da Escola Primária, professor Marinheiro: «Penso como o Marquês de Pombal, quando da reconstrução da baixa lisboeta; se temos possibilidades de ter tudo amplo, porque havemos de ocupar todos os espaços?»

Mas, como dizíamos, o problema surge na chamada «residência» e o litígio, entre a Câmara e a Associação de Pais. Sem dúvida uma questão que vem uma vez mais trazer ao de cima a confusão que existe na burocracia dos srs. que enos governam». A Direcção Escolar autorizou a Associação de Pais a utilizar as instalações. A Câmara agora diz que aquele organismo do Ministério da Educação não deveria autorizar.

«Maré Viva» visitou as instalações do ex-Colégio N.º S.ª da Conceição e — se há largos espaços — há também alguns problemas, como um recreio pouco espaçoso e uma perigosa coluna de alta tensão.

Quem tem razão?

O que pensamos é que a Câmara Municipal de Espinho e a Associação de Pais, assim como as 2 escolas (Primária e Pré-Primária) deveriam chegar a acordo no que diz respeito às crianças e à cidade.

Alcoolismo em debate na Manuel Laranjeira

Na passada semana, no dia 6, realizou-se no anfiteatro da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira um debate cujos responsáveis (três professores estagiários) denominaram de acção de sensibilização e esclarecimento sobre alcoolismo em que o objectivo geral era consciencializar a comunidade escolar para os efeitos do álcool.

No início um dos professores responsáveis disse que este colóquio efectuado para tentar combater o excesso de consumo de álcool, baseado no facto de Portugal ser um dos países que mais consome bebidas alcoólicas e para falar sobre este assunto tão complexo foram convidados a Assistente Social Maria Pinta Leite, o Dr. Ramos Pereira (Psiquiatra) e um ex-alcoólico, o sr. Francisco.

O Psiquiatra foi o primeiro interveniente, levando-nos através da projecção de slides ao «inferno do alcoolismo». Entre outros aspectos revelou que o álcool é a terceira causa de morte no país. No distrito de Aveiro existem cerca de 30.000 alcoólicos, sendo 5% do Concelho de Espinho. A terminar

esta pequena viagem a um «inferno real», acrescentou que a esperança de vida de um alcoólico é reduzida a três vezes menos do que um não alcoólico.

Seguidamente a Assistente Social salientou alguns modos de se poder evitar o alcoolismo, entre os quais ressaltou-nos que nunca se deve beber fora das refeições e para ajudar um doente alcoólico é necessário interessar-se por ele e aceitá-lo como doente.

A intervenção do ex-alcoólico Francisco Tavares (que tem mais de 60 anos e é maratonista), foi sem dúvida o momento mais dramático da sessão, transformando as suas palavras em lágrimas. Falou um pouco da sua vida, «quando bêbado era um escravo humano toda a gente me rejeitava, não era ninguém!» Conseguiu deixar de beber internando-se num Centro de Saúde em Coimbra.

No final da sessão houve um debate onde os principais intervenientes responderam a questões levantadas por algumas das cerca de 50 pessoas presentes.

RIFAS NASCENTE HOJE AINDA VAI A TEMPO

Dois anos depois da última série, uma vez mais as rifas andam na roda.

Continuam a ser um dos suportes da roda viva em que se move a Nascente. São o complemento indispensável para avanços e recuos, para voos de que a Cooperativa sai frequentemente combalida mas bem decidida a retemperar forças e levantar novos e mais altos voos. Sem a receita que proporcionam não teremos, seguramente, a Cooperativa viva e actuante que ambicionamos.

Mas esta nova emissão é também a prova de que continuamos a confiar em quanto têm estado conosco nas anteriores. É a prova da nossa certeza em que a vasta família Nascente (activistas ou associados) aceitará mais esta exigência.

Nas vésperas do início do sorteio, estão praticamente todas distribuídas. Os habituais compradores têm-nas procurado pelo telefone ou junto de quem, normalmente, as distribuiu.

Há, entretanto, alguns (poucos) que ainda não o fizeram. Ficamos a aguardar nos próximos dias.

E não se esqueça. Publicaremos semanalmente no Maré Viva o nome dos premiados (mais de metade ao longo de um ano).

A Direcção

MARÉ VIVA

Uma lamentável gralha originou que o artigo do nosso colaborador Jorge Carvalho, advogado e membro da Assembleia Municipal, com o título «Mercadores de homens, legalização para breve?», não saísse assinado.

Feita a devida correcção desde já as nossas desculpas ao autor do artigo, bem como a todos os leitores.

Também aqui queremos lamentar o facto dos nossos leitores de fora de Espinho, terem recebido o jornal da semana passada com alguns dias de atraso. De facto, uma avaria na máquina de endereçar, levou a que o jornal só pudesse ir para o correio cinco dias depois do que é habitual. A estes nossos leitores, as nossas sinceras desculpas.

NO REINO DAS AUTARQUIAS

O plano de boas intenções

Da discussão que se tem vindo a realizar na Assembleia Municipal, em torno do Plano de Actividades e Orçamento para 1985, ressaltam críticas pertinentes à política perfilhada pelo executivo. Política, aliás, dificilmente perceptível através da análise atenta dos documentos apresentados. De facto, parece-nos importante vincar um aspecto que tem aparecido diluído nas intervenções dos deputados municipais: o não cumprimento de disposições legais em vigor.

Com a publicação de um diploma sobre contabilidade autárquica (Decreto-Lei n.º 341/83), o plano de actividades deixa de ser uma simples declaração de intenções, para se apresentar o mais concreto e detalhado possível. As actividades a desenvolver pelos órgãos municipais deverão estruturar-se em objectivos (o que a Câmara faz) e estes em programas e projectos (o que a Câmara faz, vagamente), discriminando-se, com o grau de pormenor adequado, os elementos mais significativos: encargos de cada projecto previstos para o respectivo ano; datas previstas para o seu início e conclusão; rubricas orçamentais por onde devem ser pagos os correspondentes encargos e fontes de financiamento asseguradas e a assegurar. Todas estas indicações contidas no referido decreto não são observadas pela Câmara Municipal.

O que causa certa estranheza (ou perplexidade?), tendo em atenção o espírito legalista, por vezes levado ao extremo, que dirige a actuação do executivo. Além disso, o facto de terem sido evitadas concretizações e compromissos mais rígidos, leva-nos a tentar concluir que a edilidade temeu especificidades que balizariam a sua actuação, limitando-lhe o campo da manobra para possíveis desvios ao inicialmente programado.

A Câmara Municipal parece preferir as afirmações vagas, e pretensamente bem intencionadas, onde cabam qualquer tipo de resultados, mais ou menos eficazes. Lá está a burocracia como desculpa, a desempenhar o papel de bode expiatório privilegiado.

Mas o não cumprimento das disposições legais referidas poderia suscitar uma análise mais profunda. Que nos fesses da inexistência comprovada (por muito que isto cause irritações nos altos responsáveis) duma política global de desenvolvimento concelhio (dentro do leque de competências dos municípios) e evidenciasse uma descrença, por parte desses altos responsáveis, nas indiscutíveis virtudes do poder local.

Mas prefere-se (para já) ficar por aqui, ainda que seja difícil esconder uma certa amargura que esta realidade provoca. O importante, para certos dirigentes locais, continua a ser a política do Coronel Odorico Paraguaçu, assente numa estratégia de «entretantos» disfarçados de «finalmentess!»

PSD contesta Plano de Actividades e actuação da Junta de Guetim

O PSD emitiu a semana passada dois comunicados, um da responsabilidade da Comissão Política de Espinho e um outro assinado também pelo núcleo de Guetim daquele partido.

No primeiro documento, a Comissão Política de Espinho começa por se congratular «com o sentido de voto dos vogais do PSD» na Assembleia Municipal, em relação ao Plano de Actividades para 1985. E justifica a mesma nota que «só a coerência com a necessidade de não inviabilizar obras já em curso e que transitaram do ano passado terão levado eventualmente os referidos vogais do PSD a absterem-se pois de outro modo certamente teriam votado contra».

Mais adiante, este comunicado faz uma série de acusações ao Presidente da Câmara, atribuindo-lhe as responsabilidades da falta de eficácia do Executivo. «Não pode haver Plano eficaz», afirma a Comissão Política daquele partido, «credível e coerente sem que o órgão de onde ele emana, seja também dirigido com eficácia, credibilidade e coerência». E acrescenta: «A eficácia obtém-se quando se forma e dirige uma equipa de trabalho, quando se traçam e assumem objectivos e depois se responsabilizam sectorialmente os respectivos executivos».

Referindo-se ainda ao Presidente da Câmara o comunicado afirma: «É, aliás, legítima a conclusão de que o sr. Presidente da Câmara, com desrespeito pelas deliberações da Assembleia Municipal, não escolheu os ve-

readores a tempo inteiro por indisponibilidade daqueles — naturalmente do Partido Socialista — que quereria escolher. E é caso para perguntar: e os outros, os que estariam disponíveis?»

E conclui a Comissão Política do PSD: «Com a distribuição de tarefas e responsabilidades sobraría certamente tempo para diligenciar com mais empenhamento e eficácia pelo desbloqueamento de assuntos e problemas dependentes do Poder Central. Também na direcção autárquica são de respeitar os valores da descentralização».

Um outro comunicado emanado da mesma organização e assinado igualmente pelo Núcleo de Guetim do mesmo partido, refere «as graves anomalias que se estão a verificar no funcionamento dos órgãos autárquicos» da freguesia de Guetim que como se sabe tem maioria da CEIFG — Comissão Eleitoral Independente da Freguesia de Guetim.

Começa o referido comunicado por afirmar que «desde 1977 que a Junta de Freguesia de Guetim não apresenta à respectiva Assembleia de Freguesia as contas das suas Gerências e da gestão dos dinheiros orçamentados que teve à sua disposição nos anos anteriores». Depois de referir uma série de irregularidades quanto ao funcionamento autárquico naquela freguesia aquela estrutura política diz que «a Junta de Guetim vem recusando sistematicamente ao núcleo de Guetim do PSD as actas das respec-

assembleia municipal

Alcindo Ribeiro, do PSD, sintetizou aquilo que se passou na última reunião da Assembleia. Recomendações à Câmara já vão em vinte e não ficarão por aqui. Mas, haverá verbas para tudo isso? «Haverá verba para este verbo?» perguntaria aquele deputado social democrata.

COM VONTADE POLITICA TUDO SE FAZ

«Quando se quer e existe vontade política, tudo se consegue, e muitas são as obras que a Câmara faz sem que constem dos planos ou orçamentos». Esta é a posição da APU, contrariada sistematicamente por Antenor Pereira, guiado a porta-voz do Partido Socialista. Este partido votou sempre contra ou absteve-se nas sete recomendações apreciadas, (com exclusão da sua) entendendo que todas elas, porque não têm contrapartida orçamental, são inviáveis, ainda que em relação a algumas possa estar de acordo. Desta vez não se pode dizer

"Haverá verba para este verbo?"

que o PS não defendeu a sua Câmara. Fé-lo, sempre pela voz de Antenor Pereira, ainda que nem sempre bem e com algum exagero. O elevado número de recomendações faz pensar que o Plano não contém todos os aspectos que os deputados gostariam de ver incluídos, pelo que não espantaria se a última recomendação a aparecer, o for de censura ao executivo. Seria o corolário lógico de tanta crítica.

CIRCUITO DE MANUTENÇÃO DE SALES — ANTES DO VERÃO

Por recomendação da Assembleia, a Câmara deverá transferir a biblioteca que tem armazenada e mal arrumada, segundo Artur Bártolo, na sua cave, para uma das salas do Colégio N.º S.º da Conceição, deverá iniciar antes do Verão o circuito de manutenção em Sales (proposta conjunta do PSD-APU-UEDS), construir em 1985 a escola primária do Rio Largo, rever o regulamento para eleição do melhor atleta do ano e realizar os primeiros jogos juvenis (proposta da UEDS). A APU recomendou ainda que o executivo comemore condignamente o 25

de Abril e o dia da Cidade, Homenagear condignamente Fausto Neves, propõe o PS. Por proposta do PSD, deverá ser arranjada, antes do verão, a plataforma inferior da esplanada frontal à avenida dois, entre o hotel PraiaGolfe e a rua 23 e ainda a pavimentação e iluminação de toda a zona arredante da Praia Azul. A recomendação mais polémica teve a ver com a casa da cultura. A proposta da Câmara é construir para o efeito um edifício onde está situado o posto de saúde, na rua 20, do qual aproveitaria uma parte para venda e assim obteria o dinheiro necessário. A APU e o PSD não concordaram com a proposta. Querem que ali se faça apenas a Casa da Cultura, mas sem outros apartamentos para habitação ou comércio. Assim, estamos em crer, nunca mais teremos casa da cultura, porque «não há verba para o verbo». Bártolo esforçou-se por explicar que, com o «pelo do mesmo cão» se poderia fazer avançar uma obra que todos reputam necessária. Não foram sensíveis os deputados, pedindo Bártolo «então arranjem verba para fazer a Casa da Cultura». Muitas recomendações estão ainda em agenda. Dia 22 haverá nova sessão.

Da guerra dos clandestinos ao "suspense" do vereador da cultura

«A Câmara faz publicar um edital que, a partir desta data, tudo o que se construir clandestinamente será demolido». Este seria em traços gerais, o teor da deliberação que a Câmara esteve quase a aprovar. Aliás, esta decisão chegou mesmo a fazer parte da acta, e quando chegou o momento da votação, os vereadores do PSD levantaram algumas questões. Para José Fonseca, «primeiro dever-se-ia embargar a obra e enviar a tribunal e só se não houvesse possibilidades de legalização, é que se demolir».

O Eng.º Pinto Correia, chefe da Repartição Técnica, diria que «o Tribunal não dá saída a estes casos». Acrescentando ainda que «há casos em que os construtores chamam a Guarda para serem autoados e é a própria Guarda que lhes diz que podem continuar a construir».

Artur Bártolo, por sua vez,

disse que só se vai demolir, «se depois de feito o embargo as pessoas continuarem a construir». Ao mesmo tempo, o Presidente da Câmara lançava o aviso aos seus colegas: «vocês vejam lá, o que vão votar».

Carvalho e Sá, pegando nestas palavras aproveitaria para dizer: «uma posição destas tem de ser assumida em consciência e ver as consequências do futuro. Devemos trazer isto melhor cozinhado para a semana».

E o assunto ficaria então adiado para a semana seguinte, dizendo Rolando Sousa: «não voto mais nenhuma demolição, porque não posso agir de modo diferente em casos semelhantes».

Toda esta polémica surgiu depois de um barraco que a Câmara mandou demolir a semana passada, junto à fábrica Lopes da Cruz. Artur Bártolo defenderia esta demolição dizendo

que se tratava de uma construção na via pública. «E tem que se travar isso porque senão, qualquer dia começam a fazer barracos na rua 19», concluiu.

Carvalho e Sá, aproveitou a oportunidade para «lamentar o facto do sr. Presidente não informar a Câmara sobre este assunto. É triste, tomarmos conhecimento do que se está a passar, pelos jornais».

reunião da câmara

CÂMARA SEM VEREADOR DA CULTURA

O presidente da Câmara, afirmou no decorrer desta sessão, e quando José Fonseca lhe sugeriu que um dos assuntos fosse remetido para o vereador da Cultura, que «o sr. Joaquim Ribeiro não é o vereador da Cultura». Isto levou-nos a perguntar, no final da sessão, quem era então o vereador daquele pelouro. E Artur Bártolo apenas acrescentou que «até à próxima sessão a Câmara não tem vereador da Cultura».

Esta questão viria a suscitar uma outra — os vereadores a tempo inteiro, quando quisemos saber ao certo quem estava nomeado.

O Presidente confirmou então a indignação de Rolando Sousa a tempo inteiro e Joaquim Ribeiro a meio tempo. Perante a interrogação se seria ou não obrigado a escolher mais alguém, Bártolo apenas respondeu: «a seu tempo se verá».

Carvalho e Sá, aproveitou a oportunidade para «lamentar o facto do sr. Presidente não informar a Câmara sobre este assunto. É triste, tomarmos conhecimento do que se está a passar, pelos jornais».

LIVROS — CAPAS E FOLHAS NÚMEROS E LETRAS?

1 — QUANDO SURGEM E PORQUÊ

Num passado remoto de cerca de 5.000 anos, um conjunto de necessidades ligadas fundamentalmente à preservação de um corpo social e à sistematização, com aquele rito, do saber de então, começou a ditar, paulatinamente, uma incompatibilidade de base entre a forma oral por que a informação era transmitida e os objectivos atribuíveis a essa mesma informação. Houve, portanto, que encontrar uma forma mediante a qual a informação deixasse de estar sujeita ao exercício de um modo de transmissão no todo não verificável a cada momento e que, de alguma maneira, limitava uma difusão o mais alargada e imediata possível.

Pelo exposto, não surpreenderá que, entre a primeira informação veiculada pelo escrito, o grosso tenha cabido aos textos de lei.

A história do livro é muito anterior ao objecto e ao conceito contemporâneos. O primei-

previsível, podemos afirmar que nunca este processo se deteve e que indubitavelmente continuará.

Desde as tabuinhas, passando pela escrita — já alfabética — sobre papiro, bambú e pele de animais, até ao papel, que é discernível um mesmo objectivo: difundir e defender, transformar e sistematizar a nossa memória e a nossa imaginação: isto é, o nosso conhecimento. E porquê o *nosso conhecimento* e não o *conhecimento*? É o que iremos ver de seguida.

2 — A NECESSIDADE DO LIVRO

Quando atrás dissemos que a palavra escrita tinha sucedido à tradição oral, não pretendemos dizer que esta fosse ágrafa inferior. Nem sequer pretendemos aqui defender o livro enquanto objecto, por muito que o seu manuseio e a sua posse nos seja agradável. Enquanto objecto, e já o livro existia, houve mesmo quem o condenasse por representar «pa-

que alguma vez na história» é-nos vital ler para falar e — faceta tantas vezes escamoteada — falar para ler, falarmos para nos lermos.

Ainda hoje, todavia, o livro, ou a necessidade do livro, parece encontrar-se subtraído ao corpo social no seu todo, considerando-o ora domínio de elites cujo saber é tantas vezes discutível, e discutível porque frequentemente não é o saber que as distingue, ora como objecto que distingue o seu proprietário, ora, ainda, como simples artigo de consumo e, portanto, sujeito às leis que regulam esse consumo.

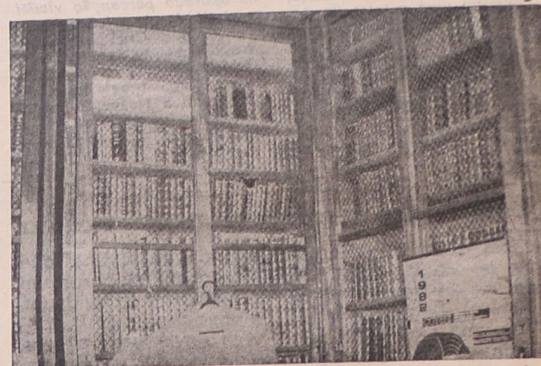
3 — QUEM FOLHEIA LIVROS SABE LER? E QUEM LÊ? ONDE ESTÃO OS LIVROS?

Pondo de parte o comércio de livros, livrarias e afins, numa primeira auscultação, ficamos por um dos lugares onde, à troca de nada, animados pelas nossas motivações, se pode deitar mão a um livro: as bibliotecas públicas, sejam as escolares, as organizadas por grupos recreativos ou as indiscriminadamente públicas — e cremos que todas deviam pertencer a esta categoria.

Um primeiro facto nos impressiona: seja em Espinho, seja no resto do País, a maioria dos leitores são crianças e adolescentes. Talvez que entre as razões para a maior afluência às bibliotecas de indivíduos desta faixa etária figurem a maior disponibilidade de tempo e a ausência de poder de compra próprio e das famílias respectivas. Sejam quais forem os motivos, contudo — embora os mesmos mereçam uma investigação cuidada — ninguém, pelo menos com intenção prática, parece querer daí tirar as devidas conclusões e explorar, no sentido de aprofundar e desenvolver qualitativamente, essa realidade.

No que ao concelho de Espinho respeita, fizemos um pequeno levantamento por freguesia:

A biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian, fundada em 1970 e com sede em instalações exíguas e pouco convenientes à leitura, no mesmo edifício de «O Nosso Café», possui actualmente cerca de



GRADES NÃO SERVE

10.000 volumes disponíveis de temas diversos quanto o romance, poesia, teatro, filosofia, história universal, literatura dita infantil e enciclopédias. Entre os seus utilizadores, 60 a 70 por cento são crianças e adolescentes, de idades compreendidas entre os 7 e os 16 anos. Em 1984, foram requisitados 13 mil livros por 5 mil indivíduos.

Em Silvalde, a biblioteca facultada pela Junta de Freguesia possui cerca de 750 mil volumes, encontrando-se a maior afluência entre as idades de 14 a 25 anos.

O Grupo Cultural de Guetim dispõe de cerca de 2.600 volumes sem, todavia, possuir sala de leitura. Mais uma vez, para livros de todos os tipos, a maioria dos leitores tem entre 8 e 25 anos.

Em Paramos, as livros que foram pertença do Clube Recreativo, desaparecido em 1973, estão encaixotados sem que, para já, devido a problemas de ordem burocrática, se vislumbre uma situação.

Em Anta, por fim, não há

biblioteca pública de qualquer espécie.

O que ressalta destes dados, para além do já referido e daquilo que eles mesmos deixam perceber, é uma desarticulação total entre as condições actuais e as perspectivas de transformação e as necessidades também elas de hoje e pratermes. Se, relevando de um processo histórico e que de outro modo não pode ser apreendido e explorado o livro, como instrumento de informação e saber — e de uma informação — sempre questionáveis, para poderem ser aquilo que lhes chamamos —, se o livro, dizíamos, não é uma «forma de alegria», como lhe chamou um poeta argentino, convém então que o abandonemos. Mas se é, e uma humanidade velha de milénios parece justificar a afirmação, então tomemos o livro como forma de alegria à letra: um lugar e uma fonte de descoberta constante, de invenção e intercâmbio constantes. Para que nós, sujeitos da história, dele sejamos sempre os autores.



QUANTIDADE INTERESSA, MAS NÃO BASTA

ro livro, ou o primeiro dos seus percursos, terá consistido num conjunto de tabuinhas de barro gravadas de pequenas marcas em forma de cunha — a escrita cuneiforme. Sumérios, Assírios e Persas terão assim escrito e difundido o seu modo de ver o mundo e de nele se acharem durante 2.500 anos até se encontrarem outras técnicas e materiais que melhor e mais eficazmente continuassem o propósito inicial. Hoje, com um olho no passado e perante um futuro pelo menos vagamente

lavra morta». Um filósofo grego, cujo valor não é por isso diminuído, de seu nome Pitágoras, parece nunca ter passado ao papel nenhum dos seus pensamentos. A própria Bíblia — o Livro dos livros — defende o espírito contra a letra.

Tudo isto não serve senão para nos alertar para o facto de o livro ser, sobretudo, a história do livro e nós, dele leitores, sermos também, de muitas maneiras, produtos de uma certa história. Cada vez que dizemos «hoje» dizemos «hoje, mais do

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ESPINHO

INTERRUPÇÃO DE CORRENTE POR MOTIVOS DE TRABALHOS DE MANUTENÇÃO DO P. T. 14

Avisam-se os senhores consumidores de energia eléctrica, que por motivos de trabalhos de manutenção no P.T. 14 — zona Campo de Futebol no próximo sábado dia 16 de Fevereiro, será interrompido o fornecimento de corrente das 8 às 12 horas.

E no entanto, conveniente considerar as respectivas instalações em tensão.

Espinho, 12 de Fevereiro de 1985

A Direcção

Casa Romeu

FILIFE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

Oculista Vitó

2 CAÇAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - ☎ 721433/723056 - ESPINHO

PERDEU-SE

Uma prótese dentária na rua 18 entre a 15 e a 19. Pede-se o favor a quem a tenha encontrado, de entrar em contacto para o

Telef. 7620876

CAFÉ e RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Petiscos

R. 23 n.º 808 - Telef. 723152
ESPINHO

FONSECA

TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413

ESPINHO

RAICA

PRONTO A VESTIR
INSTITUTO DE BELEZA

Marcções pelo
telefone 722896

Crédito Gratuito

Rua 62 n.º 101 - ESPINHO

Auto-Branco

DE

ARMANDO M. V. BRANCO

Oficina de Reparações de Automóveis — COMPRA E VENDA
Representante: Pneus CAMAC, Baterias, Peças, etc.

Pronto Socorro Permanente

Instalações:

Estrada de Anta — ☎ 723394 — 4500 ESPINHO

Atenção Cidade de Espinho

Consertos super-rápidos em calçado, malas de viagem, colocação de fechos em kispas e fechos «eclaires», molas, botões, e agora também se fazem transformações em calçado novo e usado, com pessoal especializado no ramo. Como sempre, esperamos por si na RUA 27, junto à Feira.

FERNANDO CRUZ EXPÕE NA S. N. B. A.

Fernando Cruz, nosso amigo e vários anos residente em Espinho, tem patente em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, mais uma exposição sua. A exposição, que decorre até ao próximo dia 23 de Fevereiro, constitui uma mostra de desenhos a grafite negra sobre papel branco.

Sobre esta exposição escreve Eurico Gonçalves no catálogo de apresentação «Arte programada ou planificada, quase diria sistematizada, é a que pratica Fer-

nando Cruz; uma arte que envolve um método obsessivo e lúdico, na sensibilidade que promove ao nível de uma experiência, que abrange a concepção e a realização de uma obra pensada, que vive da apurada percepção visual e táctil do material».

Fernando Cruz participou o ano passado na Exposição Colectiva de Artistas de Espinho, uma organização da Cooperativa Nascente, esperando-se igualmente a sua participação este ano.

COMISSÃO COORDENADORA DO AIJ

Na delegação Regional do FAOJ (Av. 25 de Abril, 24-r/c — 3800 Aveiro) está a funcionar uma Comissão Coordenadora Regional para o AIJ, Ano Internacional da Juventude.

Assim, todas as Associações Juvenis ou

Grupos de Jovens, que pretendam elaborar um projecto de actividades integradas no AIJ, devem enviá-lo para essa Comissão Coordenadora, devidamente calendarizado e orçamentado, até finais do mês de Fevereiro.

Música ao vivo com

KING FISHER'S

no

ED'S-PUB-DISCOTECA

dias 15-16-17 de Fevereiro

Agência LEI

ESPINHO — Av. 24 n.º 751 — Telef. 720431

SANGUEDO — Telef. 7641243
FIAES — 7643980

- DOCUMENTAÇÃO GERAL
- CONTABILIDADE: GRUPO A, B e C EXECUTADAS
- NOS NOSSOS COMPUTADORES
- ACTUALIZAÇÃO, INFORMAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE TODO O TIPO DE ESCRITAS

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Antenor Pereira

Rua da Fonte - Silvalde — Telef. 723489
ESPINHO

NOVAS INSTALAÇÕES:

Rua do Quartel (ao lado da porta de armas)
SILVALDE Telef. 723489 e 722034

A estratégia do diálogo

continuação da página 8

em termos de actividade organizada e consequente e até numa das suas frentes mais dinâmica (a jornalística), aparece estranhamente acomodada ao quotidiano camarário do «tomei conhecimentos».

A contestação não deixa de existir, mas faz lembrar D. Quixote, tão isoladas, localizadas e desorganizadas são as iniciativas. Pergunta-se mesmo se a carapuça quixotesca não servirá às ideias aqui alinhavadas... Adiante.

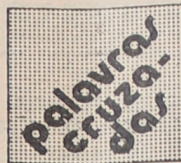
Disse-se das diferenças da conjuntura, como se fosse afinal da diversidade de estilo, de estratégia, que se pretende fazer o julgamento. No fim de

contas, não será melhor viver em concórdia do que animar guerrilhas? Não poderá ser esta a melhor maneira de o poder local levar melhor a água ao molinho do interesse público?

A dúvida é legítima, mas o seu benefício começa a perder-se numa simples e sucinta vista de olhos pelos resultados visíveis: um complexo desportivo atirado para a gaveta do ofício de rotina «para não se dizer que não se faz nada», em troca de um relvado mal cuidado e uma bancada a que escapou o mínimo de bom senso quanto a arquitectura e comodidade; uma activização que se dá para a construção de um prédio de 12 andares na zona mais asfíxiada da cidade; enfim,

o famigerado parecer sobre a prorrogação da concessão da zona de jogo que nem sequer merece ser chamado de ambíguo. E se isto são cedências (porque são cedências ao tal poder económico), onde estão as contrapartidas que não se vêem?

Se são estes os resultados do tal diálogo, esse diálogo que só gira em torno das «forças vivas» do concelho (a expressão retoma actualidade) é um diálogo que tem contornos de submissão, que não interessa a Espinho. Há um outro diálogo mais necessário, dirigido à população, às suas organizações, aberto e esclarecedor também das dúvidas que toda esta situação suscita.



N.º 99



HORIZONTAIS

- 1 — Anda a dormir nela quem não está atento; fazer concordar. 2 — Estamos quase nele; metade de seis. 3 — O pintor que pintou esta pintou Maria também; trabalhem (que faz bem à saúde). 4 — Sustenta a tacañica; libertou. 5 — No meio de cada; Instituto Botânico; é-o a freguesia fora da urbe. 6 — Fazei-lo aos dedos se não acertais na cabeça do prego. 7 — Despira a ovelha; dois sem meio. 8 — Tem o monopólio nacional das viagens aéreas; é a RTP espanhola; soltam-se por dor. 9 — Eles; serve para cortar vidro. 10 — Gemer; o noctívago não gosta dele. 11 — Peitara.

VERTICAIS

- 1 — Está assim a nossa situação económica. 2 — É-o a rosa desbotada; elas. 3 — É-

o que faz o conferencista; tem dois canais; o maior do naípe. 4 — Rodoviária Nacional; nem esse nem oitenta; tem 24 horas. 5 — Um nunca vem só; é-o o treinador de futebol quando a sua equipa vai de vento em popa. 6 — O D. João I era seu Mestre; purificara. 7 — Idolatrarem. 8 — Floresce pela Páscoa; somei. 9 — Metros sem vogais; ligava. 10 — Para não haver dúvidas é preciso pôr-lhes os pontos; é o fim de Lisboa; impor. 11 — Orçasse por.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA
N.º 98

HORIZONTAIS: 1 — Substituto. 2 — Ia, narina. 3 — CV, Mat, raíz. 4 — Rim, toca, ré. 5 — Avoenga; Cid. 6 — Micron, jose. 7 — Espirram. 8 — Nat, aterros. 9 — Tios, avia. 10 — Ornem, ET, de. 11 — Amarrotar.

VERTICAIS: 1 — Sacramentos. 2 — Viva, air. 3 — Bi, mocetona. 4 — Sam, ers, sem. 5 — Atnopa, má. 6 — Incógnita. 7 — Tá, Ca, rever. 8 — Urra, Irrito. 9 — Tia, coara. 10 — Onirismo, dá. 11 — Azêde; soer.

Maré Viva O SEU JORNAL

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink. Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

Ernesto Ferreira

ODONTÓLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.ª Dto.
Telef. 721810 — ESPINHO

SNACK-BAR
MARISQUEIRA
RESTAURANTE

"SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

Rua Júlio Dinis, 778-4.º Dto.
Telef. 698704 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964
4600 ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

— SOLICITADOR —

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.º

Telefone 720093
ESPINHO

A VARINA

Especialidades:

Arroz de marisco, Lulas, Caldeirada, Bacalhau, Roedores e as famosas papas de sarrabulho.

SERVIMOS PARA FORA

R. 2 N.º 1269 — ESPINHO
Telef. 724630

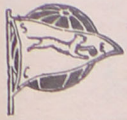
Casa VERMAR

José Rachão e António Marinhão

Especialidades em arroz de marisco, Caldeirada e todos os géneros de Petiscos

Bons Vinhos - Bom Ambiente

RUA 2 N.º 1413 - ESPINHO



VOLEIBOL

ESPINHO, 3 - PORTO, 0

«VENCER E CONVENCER»

Em jogo disputado no passado sábado, o Sporting de Espinho conseguiu mais uma excelente vitória, apesar de o jogo não ter sido brilhante no capítulo técnico. O SCE que alinhou com: Tomás, Padrão, Queirós, Vitó, Filipe Pereira e Maduro, venceu o seu adversário com os seguintes parciais: 15-8, 15-13 e 15-12, justificando assim o porquê do seu primeiro lugar no fim da 1.ª volta.

No 1.º «set» o Espinho mercê da garra e companheirismo dos seus atletas, superou o seu adversário, o que viria a constituir forte «handi-

cap» para o desfecho do encontro. A assistência apreciadora de bom «volei», não deixou de aplaudir os melhores momentos.

No 2.º «set» a história foi bem diferente. O equilíbrio reinou entre as duas equipas. Foi sem dúvida o mais emotivo. O domínio inicial pertenceu à equipa dos «tigres», naquele que viria a ser o último «set». No entanto, e quando iam decorridos 15 minutos de jogo, o SCE quebrou fisicamente, mas, e dado o excelente nível técnico dos seus atletas, levou mais uma vez de vencida a turma do F. C. do Porto.

DESPORTO ESCOLAR:

Ensino Primário não tem condições para a prática desportiva

Quando se faz algo, sobre o que quer que seja, há sempre um objectivo a atingir. Neste caso, sendo o assunto Desporto Escolar, baseado nas Escolas de Espinho, a finalidade deste trabalho era essencialmente dar a conhecer às pessoas esta realidade, nos vários graus de ensino. E se é uma verdade que os jovens necessitam do desporto para se desenvolverem fisicamente e para um melhor aproveitamento no futuro, o que podemos constatar leva-nos a concluir que estamos perante uma geração mal conduzida a nível físico, não por incompetência de quem ensina, mas por falta de condições para a prá-

tica desportiva.

Desta vez, tivemos curiosidade em saber como funciona o desporto nas escolas primárias desta cidade implantada à beira-mar. Para isso dialogamos com a Coordenadora Concelhia de Educação Física nas Escolas Primárias, Henriqueta Vitó, que desempenha as funções de planeamento de jogos educativos dos alunos (1.ª e 2.ª classe) e pré-desportivos (3.ª e 4.ª) e apoia os professores das diversas escolas, planificando o trabalho de um mês.

Começou por nos referir a situação actual do desporto no ensino primário. «As aulas de Educação Física existem mas

com condições insuficientes, não havendo espaço nem material em algumas escolas».

Perguntamos ainda se considerava o Desporto Escolar importante?

«Acho que é importantíssimo porque prepara os alunos para situações que vão encontrar no dia-a-dia. No ensino primário é fundamental porque é uma iniciação para o ciclo».

No entanto, muitas destas crianças vão para as escolas preparatórias sem saber um mínimo de desporto, devido à má preparação dos professores e porque não têm condições para praticarem desporto, havendo algumas escolas que nem bolas nem colchões têm».

Com esta última frase concluiu-se que de facto a ausência de condições não se deve só à falta de dinheiro, mas também devido à falta de organização e interesse dos responsáveis máximos para melhorar o desporto escolar que por acaso ainda existe.



No Torneio de Ténis da A. A. E.

Leão Saraiva foi o vencedor

Leão Saraiva foi o vencedor do 1.º Torneio de Ténis da Associação Académica de Espinho, ao vencer na final, realizada no passado dia 2 nos courts daquela Associação, Manuel Violas.

O torneio, destinado aos sócios, teve a duração de aproximadamente 3 meses e movimentou cerca de 40 atletas. Um dos seus objectivos fundamentais foi lançar alguns dos alunos das escolas de ténis na competição destacando-se, entre eles, Jorge Nuevo, André Fragata, Pedro Silva e Paulo Couto, que pelo seu comporta-

to irão receber um «prémio de incentivos».

O êxito que constituiu a participação das escolas neste torneio, está bem patente no facto de entre os 16 jogadores que passaram à fase final, 6 serem alunos dessas escolas. Dentre eles, de realçar as classificações de Gilberto Rachão, José Pinto Correia e João Paulo Silva, em 3.º, 5.º e 7.º lugares, respectivamente.

O jantar de entrega de prémios realiza-se já amanhã, dia 15, pelas 20 horas, num restaurante da cidade.

Resultados da Fase Final:

Leão Saraiva venceu José Pinto Correia, Gilberto Rachão e Manuel Violas; Manuel Violas venceu Joaquim Iglésias e Jorge Ramiro; Gilberto Rachão venceu João Paulo Silva; Jorge Ramiro venceu José Padrão.

Classificação da Fase Final:

1.º Leão Saraiva; 2.º Manuel Violas; 3.º Gilberto Rachão; 4.º Jorge Ramiro; 5.º José Pinto Correia; 6.º Joaquim Iglésias; 7.º João Paulo Silva; 8.º José Padrão.

ATLETISMO

Boa presença do S.C.E. nos Regionais de Corta-Mato

Na sequência das actividades programadas pela Associação de Atletismo do Porto, para a presente época, realizaram-se os Campeonatos Regionais de Corta-Mato junto ao Parque de Jogos Joaquim Lopes, em Avintes, nos dias 9 e 10 deste mês.

Os atletas do SCE estiveram presentes e alcançaram boas posições, sendo de realçar o 2.º

lugar por equipas juniores com 3 atletas a revelarem um espírito de sacrifício grande pois estiveram doentes.

Infantis Masc. — 2.000 m.
18.º Carlos Maia; 24.º José Alberto; 26.º Ilídio Silva; 39.º José Américo.

Iniciados Masc. — 3.000 m.
8.º Sérgio Gois; 24.º António José; 36.º Leonel António; 38.º Daniel Couto; 42.º Joaquim Rocha; 52.º Paulo Maia; 50.º Rui Rodrigues.

Juvenis Masc. — 5.000 m.
14.º João Lopes; 16.º Carlos Pinto; 21.º Francisco Moreira; 26.º Manuel Gomes; 33.º José Américo Barros; 42.º Walter Lacerda.

Juvenis Fem. — 3.000 m.
22.ª Josefina.

Juniões Fem. — 4.000 m.
3.ª Alice Couto

Juniões Masc. — 8.000 m.
5.º António Natário; 10.º Paulo Maia; 12.º João Paulo; 16.º José Sá; 20.º Alvaro Sousa; 29.º Augusto Aluai; 33.º José Brito.

Seniores Masc. — 12.000 m.
8.º Augusto Rachão; 27.º António Dias; 35.º Paulo Arlindo; 36.º José Palhares; 40.º Manuel Brito; 44.º António Costa; 63.º José Augusto.

Seniores Femininos
26.ª Paula Dias

FUTEBOL POPULAR

Esta semana não se efectuaram jogos do Campeonato de Futebol Popular do Concelho de Espinho. Este interregno foi, no entanto, aproveitado para a realização de dois encontros em atraso, referentes à 7.ª e 8.ª jornada, registando-se os seguintes resultados:
Rio Largo, 1 - Académico, 0
Sp. Esmoães, 1 - Ag. Anta, 0

O JOÃO RATÃO

SEXTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO às 21 horas



FESTA DE CARNAVAL

Saão Nobre da Piscina de Espinho

- TONY LEMOS e o seu orgão
- MAURY & TANY — Ilusionistas
- PALHAÇOS
- CONCURSO DE FANTASIAS DE PAPEL Inspirados na História da Carochinha

Adquira os bilhetes no
JOÃO RATÃO — Rua 35 n.º 526

RESULTADOS DA SEMANA

ANDEBOL

CAMPEONATOS NACIONAIS

1.ª divisão (Masc.) — S. Bernardo, 32 — SCE, 26

1.ª divisão (Fem.) — Vigorosa, 12 — SCE, 17

Torneio Carnaval (Juv. Fem.) — C.P.N., 9 — SCE, 10

VOLEIBOL

CAMPEONATOS NACIONAIS

MASCULINOS

2.ª Divisão — AAE, 1 — Vianense, 3

Juniões — SCE, 3 — CDUP, 0

Juvenis — AAE, 0 — SCE, 3

Iniciados — Col. R. S. Isabel, 0 — SCE, 3

Col. Carvalhos, 3 — AAE, 2

FEMININOS

Juvenis — SCE, 0 — Nun'Álvares, 3

Iniciados — Col. R. S. Isabel, 3 — SCE, 0

ATLETISMO

CROSS DAS AMENDOIRAS

Classificações dos três atletas do Sp. Espinho no

Cross das Amendoiras: 27.º Augusto Rachão; 58.º

António Natário (6.º júnior); 76.º Paulo Maia (8.º júnior)

HÓQUEI EM PATINS

II Divisão — IAAE, 13 — Valadares, 1

Juniões — Oliveirense, 7 — AAE, 3

Milton Pinho Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C

TELEF. 720584

A MODELAR

Ervanária — Produtos Dietéticos

Telefone
723068



R. 16 - Merc. Municipal — ESPINHO

Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS NA

BOUTIQUE MI

Telef. 724174

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeirada, Açorda de peixe, Bons vinhos

Rua 2 n.º 1355 — ESPINHO

Telef. 720091

DA IMPRENSA REGIONAL



ACESSO LIMITADO

JOSÉ QUEIRÓS *

«O já famoso troço rodoviário construído apressada e imediatamente antes das últimas eleições autárquicas — e que ligaria (mas não liga ainda) as freguesias de Ois da Ribeira e Espinho — continua a «dar-que-falar». Porquê? Simples: — para além de quase três anos depois ainda continuar por concluir, agora está cortado ao meio, impossibilitado, pois, de que alguém — sequer a pé — por lá possa passar.»

In «Soberania do Povo»
Aguada — de 8-2-85

«A tuberculose está a alastrar de forma preocupante nos distritos da Guarda e do Castelo Branco. Na Guarda, durante os últimos quatro anos, o número de casos detectados mais que duplicou.»

In «Jornal do Fundão»
de 8-2-85

«Está prestes a terminar a colheita da azeitona e tudo leva a crer que alguma coisa vai ficar nas árvores. A mão de obra é escassa e a que há ultrapassa em cem por cento o salário mínimo nacional. Afimam os proprietários que o azeite lhes fica pelo dobro do preço em relação aos preços de garantia anunciados.»

In «Jornal do Fundão»
de 8-2-85

«O Concelho de Carrizada de Ansiães embebedou-se. Quem o afirma é um concelheiro gestor. E porquê? Em terras lindas, produtoras, onde o cereal foi uma constante e deveria abundar, ceidou o lugar às vinhas. Se o pão é o mais caro da Europa porque não há um maior incentivo agrícola, nesse sentido?»

In «Repórter do Marão»
de 8-2-85

«Na passada segunda-feira, dia 4, realizou-se um encontro na Câmara Municipal de Famalicão com o objectivo de traçar as linhas gerais das acções a tomar no âmbito do Ano Internacional da Juventude.»

«Se bem me lembro» em Guimarães nada disto se realizou ainda. Vamos ser optimistas e esperar pelos acontecimentos, mas já vamos no segundo mês do tal Ano Internacional da Juventude, e a esperança é finita.»

In «O Povo de Guimarães»
de 6-2-85

«Todos os cidadãos têm o direito de acesso, em condições de igualdade e liberdade, aos cargos públicos» — é assim que reza o n.º 1 do artigo 50.º da Constituição da República Portuguesa.

Trata-se, evidentemente, de uma mentira.

Como decorre de outras normas constitucionais e das leis que regulam o sistema eleitoral, só os partidos políticos podem apresentar candidaturas para os cargos públicos preenchidos por sufrágio, à única excepção das (infelizes) irrelevantes Juntas de Freguesia.

Abstraindo de momento dessas equívocas figuras que são os «independentes» propostos pelos partidos, temos que o direito consignado no artigo 50.º da lei fundamental só é reco-

nhecido, pela mesma lei, a uma pequena fracção dos portugueses: 300 a 400.000, segundo alguns cálculos, dos quais cerca de metade pertencentes ao militante Partido Comunista. O princípio democrático elementar, segundo o qual o direito de ser eleito é indissociável do direito de eleger, não está em vigor em Portugal. A representação política foi entregue em exclusivo a uma minoria de cidadãos. A experiência permite duvidar de que esteja bem entregue.

Responder-se-á: todos são livres de aderir aos partidos. O que é verdade, mas não faz esquecer que adesão seria é a do cidadão que se reconhece no programa e na política dum determinado partido. Nesse programa e não em outro. Na globalidade e não apenas neste ou

naquele aspecto particular. Sabe-se que isto não acontece a muita gente.

Responder-se-á ainda: todos são livres de formar novos partidos. O que é igualmente verdade, mas implica que 5.000 cidadãos se ponham de acordo sobre todas as questões essenciais que definem um projecto de sociedade e a estratégia da sua construção — é (ou deveria ser) isso o programa dum partido nacional. Sabe-se que isto não tem acontecido. (Mais depressa poderá acontecer — parece — que um tal número de cidadãos se ponha de acordo sobre a pessoa do líder a quem obedecer.)

Observar-se-á, finalmente, que qualquer um pode anichar-se, como «independente», na lista dum partido que o acolha. O que

também é certo, mas não deve fazer ignorar o preço da conotação a um projecto alheio, e os limites que esse vínculo faz pesar sobre a independência real da quem o aceita. Sabe-se o que tem acontecido.

O cidadão que se propõe candidatar-se a um cargo de serviço público, e para tanto aceita ligar o seu nome a um rótulo e a uma sigla com os quais se não identifique plenamente, estará, nesse mesmo acto, a abdicar dumha parcela substancial da sua liberdade.

Não se diga, pois, que todos os portugueses «têm o direito de acesso, em condições de igualdade e liberdade, aos cargos públicos». É falso. Alguns (poucos) são mais iguais que os outros.

* Jornalista do «Expresso»

José Gomes Bento — MORREU UM PEDAGOGO

Conforme a imprensa diária publicou, faleceu na cidade do Porto, no passado dia sete, apenas com 46 anos de idade, José Gomes Bento.

Natural de Espinho, José G. Bento passava aqui regularmente as suas férias; era sócio da Nascente, assinante de «Maré Viva» e participava frequentemente nas organizações culturais da nossa Cooperativa.

Desde muito cedo dedicou a sua vida à militância no quotidiano da luta pela liberdade; lutador anti-fascista, seria preso pela polícia do Estado só com 19 anos; na cadeia viria a conhecer Marcela Torres, sua companheira desde então.

Licenciado em Filosofia, foi professor do ensino secundário e, desde 1976, leccionou cadeiras de Pedagogia e Psicologia na Escola do Magistério Primário do Porto; aqui empreendeu várias jornadas no campo da pedagogia (cem anos de Escola do Magistério), 1984

— dez anos de Ensino Primário, etc.) e a sua presença marcou uma geração de professores do Ensino Primário.

Alinda antes de 74 publicou o seu primeiro livro sobre o Movimento Sindical de Profes-

sores na República. Distinguiu-se na organização daquele movimento no Norte do País, depois da Revolução de Abril.

Mais do que uma luta política, José Gomes Bento associava a luta do Movimento Sin-

dical de professores à necessidade de inovação pedagógica. Ultimamente investigava sobre antigas publicações de e para professores; preparava também o I Encontro de Educadores de Infância do Norte.

DO MEU CRAVO SEM PÉTALAS CONTADAS

Conheci o Bento em 74, quando crescia, também no Porto, uma organização política. Ela tinha aqueles olhos de um azul ora penetrante, ora vago, capazes de um grande discurso ou de silêncio durante uma reunião inteira. Lembro-me do seu ar simples, no meio de gente bem vestida que não usava gravata porque não era moda. E disseram-me então que ele era genro desse historiador que o fascismo não perdoou, Flausino Torres.

Passados dois anos, as

suas relações estreitaram-se na Escola do Magistério Primário do Porto. Para nós o Bento nunca foi professor. Era o Bento. Um amigo da mesa do café que se tornou o «pai» de uma geração que por lá passava, em tempos difíceis, 77 e 78. Depois disso continuámos a ver-nos e a sua pergunta era sempre «Então é a Nascente?». E lá falávamos.

Mas o que me leva a escrever é pensar que não o sentia como um amigo qualquer; porque ele era o único

que parecia compreender e aceitar em qualquer altura as minhas irreverências, as minhas incoerências. Para ele — e para mim — a revolução, a vida, não era um cravo com as pétalas contadas, mas simplesmente um cravo. E era bom ver e saber como ele ficava contente, num ar quase infantil, com tudo o que fazíamos: como éramos professores, ou actores, ou directores de jornal...

J. R. T.

A estratégia do diálogo

VITOR SOUSA

«Tudo vai bem no reino da Dinamarca», e assim também por cá, pois, se não se sobrestimar os despiques pessoais mais ou menos coloridos de que a imprensa local de quando em vez se faz eco, deve-se reparar que o tom geral da actividade política tem sido ultimamente de uma anestesiante tranquilidade. Vão longe os tempos agitados em que o poder local se batia com coerência pelos interesses da comunidade, fazia valer a sua dignidade de légi-

timo condutor dos destinos da cidade, do concelho, face às constantes pressões do poder económico.

Ou precisando melhor o que aqui transparece de nostalgia: o facto de estarem já a um canto da História esses tempos de vivacidade, de participação e discussão quase obrigatória para que a população era impedida pelo modo como os problemas locais eram postos à luz do dia, do debate público e publicitado de tudo o que me-

xia com o interesse colectivo, não significa que o poder local já não se bata pelos interesses da comunidade e não defenda a sua dignidade. Só que agora bate-se menos, defende menos.

Esta nova medida das coisas encontra a sua explicação essencial no facto de a Câmara Municipal (e é este órgão que melhor consubstancia esta diferença) ter adoptado como base da sua política a necessidade de diálogo com o poder económico e ter isso levado à

prática com inegável eficiência.

A denúncia pública deu lugar ao braço-dado, a «intolerância» (leia-se «intransigência») deu lugar à compreensão, o insulto e a calúnia de uma certa imprensa de curta memória abriram alas para o elogio rasgado à actuação da Câmara.

Outros tempos, outras vontades, a que, curiosamente, não escapa a oposição (?), antes a mais acérrima na peleja, hoje,

continua na página 6

o fechar

O chamado «partido eanista» começou também os seus contactos em Espinho para a implantação daquela força política no nosso concelho.

De facto, Hermínio Martinho, personalidade que tem liderado o aparecimento do novo partido, esteve no passado fim-de-semana hospedado no Aparthotel, aproveitando para desenvolver alguns contactos. Esses contactos não foram nada discretos já que aquele responsável político foi visto num dos cafés locais, em amena cavaqueira com pessoas da terra.



PORTE RAGO

Câmara Municipal de ESPINHO